



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 20 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

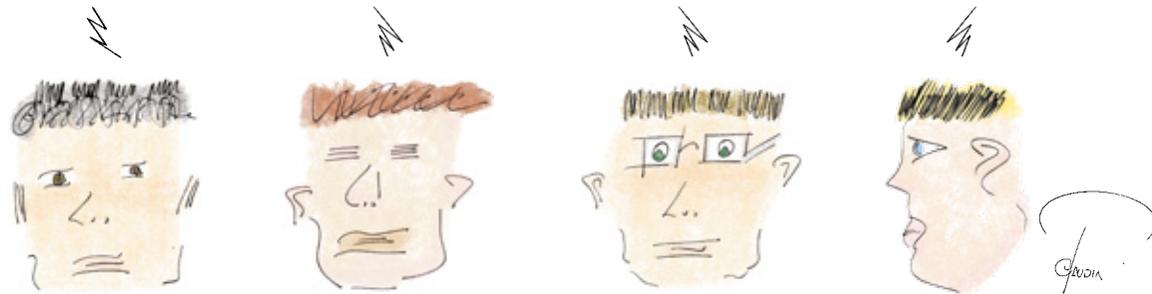
cpereira@brasiliamdia.com.br

A 30ª BIENAL DE SÃO PAULO ABRIU AS SUAS PORTAS NO ÚLTIMO DIA 4 DE SETEMBRO COM PERFORMANCES.

COM O TÍTULO "A IMINÊNCIA DA POÉTICA", A EXPOSIÇÃO SE PROPÕE A ABRIR ESPAÇO PARA ARTISTAS POUCO CONHECIDOS.

SEU CURADOR, O VENEZUELANO LUIS PÉRES-ORAMAS, DIZ QUE "(...) ESTA BIENAL É BASEADA EM VÍNCULOS E NÃO EM PERSONALIDADES".

A MOSTRA ESTÁ ORGANIZADA EM "CONSTELAÇÕES" DE TEMAS E QUESTÕES.



IMINÊNCIA POÉTICA A 30ª Bienal de São Paulo abriu as suas portas no último dia 4 de setembro com performances de Viola Yeşiltaç e Jiří Kovanda. A mostra, que estará aberta ao público entre os dias 7 de setembro e 9 de dezembro, reúne 111 artistas e 3 mil obras. Com o título "A iminência da poética", a exposição se propõe a abrir espaço para artistas pouco conhecidos, em especial jovens brasileiros e latino-americanos. Seu curador, o venezuelano Luis Péres-Oramas, justifica a escolha de nomes pouco consagrados: "(...) esta Bienal é baseada em vínculos e não em personalidades".

CONSTELAÇÕES A característica desta mostra é sua organização em "constelações". Isso quer dizer que os artistas estão agrupados em torno de temas e questões. O curador planejou suas "constelações" em três módulos, os quais chamou de "Poéticas de arquivo", "Crítica do espaço público" e "Construção da imagem". Péres-Oramas justifica o conceito adotado: "A ideia de constelação nos remete ao sentido de relação, isto é, quando alguém entra em contato com uma obra, imediatamente pensa em outra (...) ninguém olha para ela sem criar relações".

ESPAÇOS A concepção dos espaços da 30ª Bienal é do arquiteto Martin Corullon, que criou áreas abertas que permitissem atender às "constelações" internas de cada artista, em conformidade com os temas e obras selecionadas. Além do pavilhão oficial no Ibirapuera, outros seis museus recebem obras da Bienal. Espaços públicos também estão inseridos no programa, entre eles a Estação da Luz, com uma escultura de Charlotte Posenenske, a Avenida Paulista, com uma intervenção de Alexandro Navarro Moreira em bancas de jornal, e a capela do Morumbi, que vai receber uma obra de Maryanne Amacher.

ARQUEOLOGIA Dos 111 artistas, 21 são do passado recente. A opção por talentos de gerações anteriores remete ao que o curador chama de "Arqueologia imediata", algo como a pertinência de determinados artistas do passado recente para a produção contemporânea. Nesse grupo estão nomes como os brasileiros Arthur Bispo do Rosário, Alair Gomes e Waldemar Cordeiro e os estrangeiros Fernand Deligny, Allan Kaprow, Robert Smithson e Absalon.

HAPPENING E INTERVENÇÃO Entre os trabalhos dos artistas deste passado recente estão expostos 80 desenhos de Deligny, e também obras de Kaprow, um dos precursores da performance e criador do termo "happening" - ação que acontece por acontecer. A mostra recebe ainda trabalhos de Smithson, criador dos Earthworks, obras de intervenção na paisagem.

RIZOMA Fernand Deligny é um educador francês especializado em crianças autistas. A partir do cotidiano delas, ele traçava desenhos que ditavam seus percursos na clínica onde trabalhava. Sua obra influenciou Gilles Deleuze (1925-1995) e inspirou o conceito de rizoma - fundamental na obra do filósofo -, que estabelece que a estrutura do conhecimento não deriva de um conjunto de princípios primeiros, mas elabora-se simultaneamente a partir de todos os pontos sob a influência de diferentes observações e conceituações.

NOVOS LATINOS Esta vasta constelação, que é a 30ª Bienal, constrói também um panorama da novíssima produção latina. Quase metade dos artistas desta edição são latino-americanos e têm menos de 40 anos. Entre os trabalhos selecionados estão aqueles cujos conceitos falam de deslocamento, medição de espaços, imagens e memórias, o real e o fictício. São obras que questionam a vida em transformação.

OUTRAS COISAS Em seu livro "Arte Contemporânea, uma história concisa", Michael Archer nos ensina que "(...) a arte dos dias atuais será confrontada com uma desconcertante profusão de estilos, formas, práticas e programas. Parece que quanto mais olhamos, menos certeza podemos ter (...) A arte recente tem utilizado não apenas tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas".

RESÍDUOS Outra pesquisadora, Anne Cauquelin, nos lembra que "(...) para apreender a arte contemporânea precisamos estabelecer certos critérios, que não podem ser observados nos conteúdos das obras, em suas formas, suas composições, no emprego deste ou daquele material (...) Para se tornar legível, a arte contemporânea busca referências em temas culturais, recolhidos em registros literários e filosóficos - desconstrução, simulação, vazio, ruínas, resíduos e recuperação".

PENSAR É com o espírito atento e o olhar livre que podemos enxergar a arte contemporânea. A obra deve ser percebida no contexto em que ela está sendo criada. Este contexto pode ser social, político ou formal. As questões culturais e pessoais são estruturantes da arte recente. Como escreveu Theodor Adorno, em 1961, "(...) Hoje aceitamos sem discussão que, em arte, nada pode ser entendido sem discutir e, muito menos, sem pensar".